

GT46: História(s) da(s) Antropologia(s): temas e tendências

Peter Schröder, Erik Petschelies

O interesse pela história da antropologia renovou-se nas últimas décadas, o que não se deve apenas às críticas pós-modernas e pós-coloniais das décadas de 1970 a 1990, e que suscitaram uma autocrítica sobre a autoridade etnográfica e a participação em empreendimentos coloniais, pois dinâmicas próprias desenvolveram-se. Assim, estudos sobre a origem da antropologia e da etnografia, as bases filosóficas de suas epistemologias e a constituição de diversas tradições nacionais com suas genealogias contribuem para um entendimento mais heterogêneo da disciplina, colocando em xeque as narrativas mainstream sobre sua história. Destacam-se ainda os esforços decoloniais de visibilizar biografias silenciadas e superar os efeitos do epistemicídio, isto é, a marginalização dos trabalhos de intelectuais que não se enquadraram em padrões sociais e étnicos predominantes, além da reconstituição das histórias das antropologias não hegemônicas, e pelas relações entre elas e antropologias outrora hegemônicas, como a alemã. Portanto, este GT busca contribuir para as diversas histórias das antropologias no Brasil e em outros contextos nacionais e transnacionais. O painel se situa num campo interdisciplinar, entre história, antropologia e historiografia das ciências, e está aberto a contribuições que enfocam estudos de caso ou das tradições nacionais e transnacionais, estudos biográficos ou arquivísticos, análises de teorias e métodos e reflexões metodológicas em historiografia das antropologias.

Um culturalista brasileiro em Honduras: a antropologia "deslocada" de Ruy Coelho

Autoria: Rodrigo Ramassote

Esta proposta tem como objetivo abordar a recepção crítica da obra do antropólogo brasileiro Ruy Coelho (1920-1990) em Honduras, país em que ela recebeu uma larga acolhida e se tornou uma referência bibliográfica obrigatória. Ao contrário do que sucede no Brasil, onde sua produção intelectual jamais foi objeto de especial interesse para antropólogos, em Honduras a tradução de sua tese de doutorado sobre os garífunas (etnônimo pelo qual atualmente se designam os caríbas negros) em 1981 lhe garantiu consagração e renome, sendo ela ainda hoje citada, lida e influente. Como compreender tal dissonância? Quais circunstâncias teriam interferido na recepção diferenciada de seu legado intelectual? Como explicar a influência de sua contribuição em Honduras? Por meio do caso de Ruy Coelho, pretendo qualificar o debate sobre a circulação internacional de ideias, ao indicar que sua dinâmica não ocorre em espaços vazios, mas é filtrada tanto por condições institucionais objetivas - especializações disciplinares, linhas de pesquisa e hierarquias temáticas - quanto por circunstâncias histórico-políticas específicas. Pretendo ainda refletir sobre a distinção entre "autores menores" e "maiores" na história da antropologia. Como situar a posição ocupada por Ruy Coelho (1920-1990) no interior da história da antropologia no Brasil? Como lidar com um autor de difícil classificação e, em alguns aspectos, ultrapassado? Se não é o caso, propriamente, de resgatar a obra de Ruy Coelho do esquecimento, do ostracismo ou da invisibilidade - afinal, como indiquei acima, sua monografia segue influente em Honduras - trata-se, antes, de avaliar a maneira mais adequada de reassentar sua contribuição no interior de parte do debate antropológico contemporâneo no Brasil.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

